

FAZERES MUSICAIS EM UMA ONG: A MOTIVAÇÃO OBSERVADA NAS RELAÇÕES
DE ENSINAR E APRENDER

Uberlândia, outubro de 2020.

MARINA SODRÉ DE MATOS NETA

FAZERES MUSICAIS EM UMA ONG: A MOTIVAÇÃO OBSERVADA NAS
RELAÇÕES DE ENSINAR E APRENDER

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como requisito de avaliação final da disciplina Pesquisa em Música 4 do Curso de Música da Universidade Federal de Uberlândia, orientado pela professora Ma. Maria Cristina Lemes de Souza Costa.

Uberlândia, outubro de 2020.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 AS ONGS COMO ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM E SOCIALIZAÇÃO	6
2 A MOTIVAÇÃO E A APRENDIZAGEM MUSICAL	8
3 METODOLOGIA	11
3.1 COLETA DE DADOS	13
4 PRÁTICAS PEDAGÓGICO-MUSICAIS NO INSTITUTO POLITRIZ MORUMBI	14
5 ORGANIZAÇÃO DAS AULAS	18
5.1 OFICINA DE PERCUSSÃO ALTERNATIVA	19
5.2 OFICINA DE CANTO COLETIVO	23
5.3 REPERTÓRIO E CONTEÚDOS MUSICAIS	25
5.4 MATERIAIS DIDÁTICOS	27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
7 REFERÊNCIAS	30
8 APÊNDICE	32

FAZERES MUSICAIS EM UMA ONG: A MOTIVAÇÃO OBSERVADA NAS RELAÇÕES DE ENSINAR E APRENDER

Marina Sodré de Matos Neta

Universidade Federal de Uberlândia/UFU

Resumo:

Este texto é resultado de uma pesquisa realizada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que teve como objetivo geral conhecer a proposta de ensino de música e metodologia de trabalho de um professor de música em um projeto social. A coleta de dados se deu por meio de observações das aulas de canto coletivo e percussão do referido professor durante o segundo semestre de 2018. A partir de teorias da motivação da aprendizagem buscou-se compreender os processos observados nas aulas de música e nas relações estabelecidas entre ensino-aprendizagem e entre os participantes do projeto. Constatou-se que fatores motivacionais extrínsecos foram desencadeados no processo de trabalho do professor, despertando também nos alunos motivações intrínsecas, pelo prazer, autoconfiança e domínio no fazer musical.

Palavras-chave: Ensino de música, ONG, projeto social, motivação na aprendizagem.

INTRODUÇÃO

As diversas experiências e aprendizagens vivenciadas e construídas no curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Uberlândia, em especial as vividas como bolsista no Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), durante 3 anos e meio, me estimularam a pensar sobre práticas pedagógicas musicais que pudessem oportunizar a crianças e jovens experiências de aprendizagem musical nas escolas de educação básica ou em quaisquer outros espaços não escolares.

A imersão em escolas de educação básica, durante minha permanência no PIBID, me favoreceu a construção de uma nova postura, muito mais questionadora em relação ao ensino-aprendizagem. Passei a refletir sobre a educação básica como campo legítimo de trabalho e espaço possível de atuação como professora de música. Antes eu via muitos entraves no ensino de música na escola. Achava difícil dar aulas de música sem um espaço adequado, sem bons instrumentos, sem a liberdade de explorar sons e fazer barulho, permitindo a livre expressão dos alunos. Tudo isso parecia impossível na escola de educação básica. Mas a vivência na escola me fez enxergar possibilidades de ensinar música nesses e em outros espaços e não só em escolas específicas de música. A observação de aulas de música e outros conteúdos, a vivência no dia a dia da escola de educação básica me colocaram de frente para relações ali

estabelecidas entre professores e alunos, seus procedimentos de ensinar e aprender, de construir conhecimento.

Tudo isso foi muito instigante, mas uma ação em especial me marcou muito. Foi uma apresentação musical feita em uma das escolas que eu estava, por um professor que não era daquela escola, mas que havia sido convidado para fazer uma oficina de música com as crianças dali. O professor teve uma parte da manhã para realizar o seu trabalho, com algumas turmas que foram selecionadas pela escola. O professor desenvolveu uma atividade musical, por meio de percussão com instrumentos alternativos (tambores de plástico, ceramofones e chocalhos de garrafa pet)¹. Os alunos aprenderam por imitação, reproduzindo células musicais simples. O professor percutia no tambor ou tocava no ceramofone só com uma baqueta e os alunos, em seguida, tentavam reproduzir em seus instrumentos o que viam e ouviam.

Inicialmente foram ensinados os ritmos que o professor denominava como “toques nos tambores” e os alunos os reproduziram várias vezes. Na sequência fizeram algumas variações daqueles ritmos. Por último, o professor introduziu os chocalhos de garrafa Pet e os ceramofones e trabalhou os contrastes de timbres e de dinâmica entre os instrumentos.

Além da maneira como esse professor trabalhou, o que chamou minha atenção foram os resultados positivos obtidos com os alunos em um curto espaço de tempo e por meio de ações que pareciam ser muito simples. Chamo aqui de resultados positivos a reação das crianças, a alegria delas e o envolvimento no fazer, a cara de orgulho! E, quanto ao aspecto musical, conseguiram fazer música juntos e desfrutar desse momento com satisfação, proporcionando a todos que assistiram esse prazer de ouvir a *performance* musical deles.

Essa apresentação despertou meu interesse em conhecer o trabalho daquele professor, entender sua prática pedagógica e seus princípios como educador musical. Aqueles alunos se mostraram felizes e demonstraram prazer em sua realização, além de se manterem concentrados e interessados. Para aquelas crianças, estar à frente da comunidade escolar e fazendo algo bonito parecia ser uma forma de estímulo à autoestima e autoconfiança de cada um deles.

De acordo com Souza (2004), a música é uma prática social. Pensar a educação musical como prática social implica em ampliar o debate sobre o processo de ensino e aprendizagem de música, analisando e desvendando as complexidades das músicas que nos rodeiam e trazemos

¹ Chocalhos de pet e Ceramofones – instrumentos construídos com materiais recicláveis. O chocalho, feito com a parte de cima de garrafa Pet, toda recortada em tiras (ver p. 21), e o ceramofone um instrumento feito com placas de cerâmica sobre uma base de madeira, nos moldes de um xilofone tradicional (ver p. 25).

conosco. Também significa pensar nos alunos que estão como sujeitos desse contexto histórico-cultural complexo e dinâmico. Talvez fosse essa a base do processo que vi se materializar naquela apresentação, por meio do trabalho daquele professor, doravante aqui designado pelo codinome de professor Costa².

Assim, logo que comecei a cursar a disciplina Pesquisa em Música, pensando em temáticas que me interessavam, lembrei-me do trabalho daquele professor. Entrei em contato com ele e descobri que ele desenvolvia projetos de ensino de música em diferentes espaços, mas preferencialmente em projetos sociais de ONGs. Um desses espaços é o Instituto Politriz – Centro de Formação de Crianças e Adolescentes, em Uberlândia –M.G. que, com a concordância do professor e da referida instituição, escolhi como espaço de observação para realizar esta pesquisa.

O Instituto Politriz é uma ONG³ situada na cidade de Uberlândia com sede em dois bairros da cidade, bairro Morumbi e bairro São Jorge e, dentre outras atividades artísticas, proporciona às suas crianças e adolescentes, vivências musicais diversas, com aulas de instrumento e práticas coletivas de canto e percussão.

Instigada em conhecer como se davam as aulas dirigidas pelo professor Costa no Instituto Politriz, estabeleci como objetivo geral conhecer a proposta de ensino de música daquele professor, seus princípios e sua metodologia. Para tanto foram traçados como objetivos específicos 1) identificar as práticas pedagógicas do professor Costa; 2) conhecer os conteúdos musicais, arranjos e materiais empregados no seu trabalho educativo musical; 3) compreender a estrutura do projeto de ensino de música no Instituto Politriz; 4) conhecer o que motiva a participação dos alunos no projeto e o que favorece a aprendizagem musical deles.

² Professor Costa foi o codinome escolhido para o professor de música, colaborador dessa pesquisa, a fim de preservar sua identidade.

³ ONG: A expressão Organização Não-Governamental (ONG) apareceu pela primeira vez em 1950, sendo usada pela ONU para designar as instituições da sociedade civil que não estivessem vinculadas a um governo. Hoje, elas são definidas como entidades privadas sem fins lucrativos e com uma finalidade pública. Em geral estão vinculadas a causas como direitos humanos, meio ambiente, saúde, educação popular etc. É importante salientar que o termo ONG não está definido na legislação brasileira, assim, toda ONG existe sob a forma de uma associação ou sob a forma de uma fundação. Entretanto, o termo ONG não pode ser aplicado a todas associações e fundações mesmo que sejam sem fins lucrativos, a exemplo de clubes, hospitais, escolas filantrópicas, sindicatos, cooperativas etc. <https://observatorio3setor.org.br/legislacao/>. Acesso em: 24 jan. 2020.

1 AS ONGS COMO ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM E SOCIALIZAÇÃO

Criadas no Brasil no começo dos anos de 1960, as ONGs são Organizações sem fins lucrativos e são geralmente Instituições privadas voltadas a “causas como direitos humanos, meio ambiente, saúde, educação popular etc.” (Observatório do 3º Setor, 2019)⁴.

De modo geral as ONGs têm por objetivos atuar em áreas onde não chega o poder público, promovendo direitos econômicos e sociais de comunidades que estão à margem de oportunidades de desenvolvimento educativo, social e profissional. Para Callegari, o objetivo principal das ONGs é congregar crianças e jovens atingidos pela desigualdade social, em situação de baixo índice de desenvolvimento humano e são entendidas como “organizações da sociedade civil que buscam sanar/minimizar os problemas e anseios e problemas específicos de uma determinada comunidade” (CALLEGARI, 2008, p.35).

Assim, as ONGs são núcleos de organizações que são compostos por profissionais de áreas diversas, nas quais o trabalho se ancora em um conjunto de ações socioeducativas que procura colaborar de forma significativa na formação social dos indivíduos. Normalmente essas organizações trabalham com atividades multidisciplinares, de diversas áreas. Uma delas é a área de artes, em especial a música, que se destaca nessas organizações.

As ONGs se amparam em ações sociais. Para Grossi e Barbosa (2004, p. 1), “[...] a atuação dessas entidades tem ganhado maior visibilidade diante das suas ações sociais voltadas para o bem-estar das comunidades”.

Há muito tempo as ONGs e em específico seus projetos sociais têm sido objeto de interesse de pesquisadores, especialmente das ciências humanas. Na área das artes e da música em específico, a partir dos anos 2000, podemos citar os estudos de Kleber (2006), Moraes (2008), Urnau (2008), Arantes (2015), dentre outros, voltados a projetos de/com música em ONGs.

Constata-se que as artes têm tido papel fundamental nos processos de formação das crianças e jovens nos espaços das ONGs. Nesses espaços, o acesso a possibilidades educativas, culturais, esportivas e de lazer são uma porta para valorização do ser humano integral, para que se acredite capaz de desenvolver, de aprender, para a construção da autoestima, para a construção do cidadão de direitos e deveres, para a socialização e para uma possibilidade de formação profissional.

No Instituto Politriz – Unidade Morumbi, onde se deu esta pesquisa, as crianças e

⁴ <https://observatorio3setor.org.br/legislacao/>. Acesso em: 29 nov. 2019.

adolescentes vêm de comunidades e bairros perto de onde se localiza o Instituto. Algumas crianças moram em assentamentos na região e frequentam escolas públicas. Essas crianças que o Instituto recebe, em sua maioria, são de famílias de baixa renda e têm no Instituto um espaço, no contraturno escolar, para a vivência de experiências criativas ligadas, na maioria das vezes, às artes de maneira geral e em especial à música.

A música é uma das linguagens artísticas que está mais presente na vida dos jovens. Segundo Arroyo (2013, p. 13) “as práticas musicais participam ativamente das constituições juvenis ao mesmo tempo em que novas estéticas musicais são criadas a partir das ações dos jovens.”

Pensando na natureza das atividades musicais em espaços de ONGs entende-se que além de serem formativas elas são ferramentas de mudança social. Kleber (2006) destaca que, o processo de ensino e aprendizagem de música considera o seu eixo conduzido pela “ação de fazer música” ou “musicando”, ou seja, são espaços de sociabilidade. Segundo Neves,

entender uma sociabilidade pedagógico-musical é olhar para essas várias formas de interação, ou para a ação de ensinar/aprender música entre os componentes do grupo, e compreender não só seus conteúdos, mas também a forma dessas interações materializadas nos laços e, conseqüentemente, nas redes de sociabilidade definidas nesses e a partir desses espaços de ensinar/aprender música (NEVES, 2007, p. 45).

A música e suas relações com o contexto não se separam. Para Santos (1991) “a música é definida culturalmente e sua função precisa ser entendida na relação com o contexto em que ocorre, e não como um fato isolado” (p. 3). É importante considerarmos outras formas de se pensar música em vários espaços, com outras formas de aprendizagem que valorizem as vivências musicais dos alunos e suas experiências com o mundo contemporâneo. Nesse sentido Souza (2004) afirma que:

A compreensão das práticas sociais dos alunos e suas interações com a cidade, o lugar como espaço do viver, habitar, do uso, do consumo e do lazer, enquanto situações vividas, são importantes referências para analisar como vivenciam, experimentam e assimilam a música e a compreendem de algum modo. Pois é no lugar, em sua simultaneidade e multiplicidade de espaços sociais e culturais, que estabelecem práticas sociais e elaboram suas representações, tecem sua identidade como sujeitos socioculturais nas diferentes condições de ser social, para a qual a música em muito contribui (SOUZA, 2004, p. 10).

A autora nos lembra que a música como uma prática social é vivida nos mais variados espaços. As relações que as pessoas estabelecem com a música são muito importantes para a

educação musical, em quaisquer espaços físicos.

Portanto, como ressalta Neves (2007), “esses espaços não são vistos somente nas interações estabelecidas no seu interior, mas em um movimento que também é externo, como o das redes de sociabilidade”(p.6)

Desde os primórdios, ao longo da existência do ser humano, os indivíduos buscaram se socializar em grupos desenvolvendo, por meio dessas interações, várias capacidades de conhecimentos entre si e entre o mundo que os envolvia. Segundo Cruvinel (2005), os indivíduos perceberam que, pertencendo a um grupo poderiam compartilhar ideias, sentimentos, valores, enfim, o saber.

Percebe-se o quanto é importante essa aprendizagem que se dá de forma coletiva, por meio de interações que são cercadas de motivações internas e externas, e rica em aprendizagens diversas.

A visão transformadora da sociedade, da realidade que se estabelece nas ONGs, para com os indivíduos que estão nestes espaços parte de uma construção de conhecimento da realidade dos indivíduos neste meio, buscando desenvolver a sua capacidade de aprendizagem musical, mas além disso sua capacidade de transformação social da/na realidade em que vivem.

Esses indivíduos, assim como quaisquer outros, têm a mesma capacidade de chegar a qualquer lugar que sonham. A educação musical é uma das possibilidades formativas que abre portas para a transformação social destes jovens a partir do conhecimento de si mesmos e do mundo que os cerca, da possibilidade de expressão e socialização.

2 A MOTIVAÇÃO E A APRENDIZAGEM MUSICAL

A motivação impulsiona várias ações do ser humano e na aprendizagem musical não é diferente. Siqueira e Wechsler (2006) em um estudo que objetivou construir um instrumento psicológico para avaliar a motivação no âmbito da aprendizagem escolar, apresentam conceitos de diversos autores sobre motivação no sentido de um movimento, “um fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa” (MURRAY, 1986, p. 20 apud SIQUEIRA; WECHSLER, 2006, p. 21) impulsionando uma ação.

Pintrich e Schunk, (2002, apud SIQUEIRA e WECHSLER, 2006) salientam que a motivação é um processo e não um produto, portanto, explicam os autores que “dessa forma não pode ser observada

diretamente, mas pode ser inferida a partir de alguns comportamentos” (p.21).

No entanto, quando pensamos na motivação para a aprendizagem, devemos levar em conta o contexto, o ambiente em que se dá a aprendizagem, já que as atividades escolares “estão relacionadas a processos cognitivos como: capacidade de atenção, concentração, processamento de informações, raciocínios e resolução de problemas” (SIQUEIRA, WECHSLER, 2006, p.22). Além disso, sua relação com a aprendizagem é recíproca, pois tanto a motivação interfere no desempenho da aprendizagem quanto a aprendizagem pode interferir na motivação.

Estudos como o de Garrido (1990) e o de Lens (1994), também encontrados no texto de Siqueira e Wechsler (2006), afirmam que a motivação pode explicar o interesse e bom desempenho escolar de alguns estudantes e de outros não. Alguns têm um comportamento adequado aos estudos e à aprendizagem, um tipo de dedicação e persistência enquanto outros são mais displicentes ou relaxados com as tarefas e atividades escolares.

Araujo; Cavalcanti e Figueireido (2010) ao discutirem sobre os processos motivacionais na graduação em música, especificamente, afirmam que:

O estudo sobre processos motivacionais, presentes na aprendizagem e prática musical, é um foco de pesquisa que pode auxiliar músicos e educadores a compreender aspectos do investimento pessoal dos sujeitos em suas práticas, bem como a observar o grau de envolvimento ativo desses sujeitos nas tarefas realizadas (ARAUJO; CAVALCANTI; FIGUEIREIDO, 2010, p. 35).

Esses autores apresentam também, dentre as diferentes teorias motivacionais, quatro que “podem ser objeto de estudo no domínio da aprendizagem e prática musical” são elas, as que “ressaltam componentes cognitivos como crenças, metas, atribuições e variáveis afetivas” (p. 35). Ainda para esses autores pôde-se verificar que a motivação para a prática musical pode ser verificada por meio de alguns fatores, como:

A observação da confiança que o estudante tem sobre sua capacidade de desempenho e os efeitos dessa conduta na produção dos resultados. A consideração dos fatores externos (da motivação extrínseca) e internos (da motivação intrínseca), que guiam as ações dos estudantes na prática musical cotidiana. A observação do processo de concentração do sujeito e a relação desta com o bom desempenho, que geram o sentimento de satisfação e, conseqüentemente, a persistência no estudo (ARAUJO; CAVALCANTI; FIGUEIREIDO, 2010, p. 43).

Cabe mencionar também que no estudo da motivação para a aprendizagem pode-se observar a motivação intrínseca e a motivação extrínseca, ou seja, os fatores motivacionais podem ser intrínsecos ou extrínsecos. O aluno que é motivado intrinsecamente vai realizar as atividades pois as considera agradáveis, existe um envolvimento por parte do aluno que é movido internamente. Por outro lado, o aluno extrinsecamente motivado participará de determinada atividade interessado em recompensas externas ou sociais.

De modo geral, tanto uma como outra podem estar presentes, simultaneamente, nas ações de aprendizagem. A própria escolha por realizar uma atividade musical, estudar música já vem impulsionada por motivações internas e externas. A identificação dos elementos motivadores e o estudo dos processos motivacionais podem contribuir significativamente no trabalho do professor. De acordo com Araujo; Cavalcanti; Figueireido,

o estudo sobre processos motivacionais, presentes na aprendizagem e prática musical, é um foco de pesquisa que pode auxiliar músicos e educadores a compreender aspectos do investimento pessoal dos sujeitos em suas práticas, bem como a observar o grau de envolvimento ativo desses sujeitos nas tarefas realizadas (ARAÚJO; CAVALCANTI; FIGUEIREDO, 2010, p.35).

Nos estudos de Siqueira e Wechsler (2006) são apresentadas 14 áreas que estão, segundo seu estudo, relacionadas com a motivação e representam a motivação em sala de aula. Dentre as 14 áreas mencionadas, destaco aqui 4 áreas que acredito que existem no ambiente pesquisado. São elas:

Independência de Julgamento, relacionado ao gosto pela autonomia. Critério Interno, para o Sucesso ou o Fracasso, o que representa a atribuição que uma pessoa pode fazer do seu sucesso ou fracasso, neste caso o sucesso ou o fracasso seria explicado por questões individuais, internas do próprio sujeito. Prazer da Tarefa/Envolvimento, relacionada à sensação de agradabilidade, de contentamento, de satisfação que possam surgir quando uma atividade é proposta. Preocupação com Reconhecimento/Futuro, representada pelo foco exclusivo na questão do reconhecimento, seja no presente ou no futuro. (SIQUEIRA; WECHSLER, 2006, p. 24-25).

Assim, para Fagundes “em qualquer ambiente educacional de aprendizagem musical, compreender o processo motivacional é de grande importância, principalmente quando se trata

de diferentes contextos, pois conhecer os fatores que podem motivar os alunos poderá proporcionar altos níveis de aprendizagens” (FAGUNDES, 2014, p.284).

As ações do professor Costa no projeto se mostram em consonância com muitos dos aspectos motivacionais mencionados pelos autores e que podem explicar, tanto o envolvimento dos alunos quanto os resultados musicais obtidos. Aspectos intrínsecos e extrínsecos exemplificado no repertório trabalhado, escolhido em sintonia com os alunos, nos arranjos das músicas que propiciam a participação de todos, veteranos ou iniciantes no projeto, as apresentações musicais feitas para o público externo, que causam um aumento na autoestima, senso de responsabilidade e importância pessoal dentro do coletivo, no prazer do fazer e da beleza desse trabalho musical coletivo, reconhecido pelo aplauso do público.

3 METODOLOGIA

Inserida no campo da educação musical, esta pesquisa, quanto à sua abordagem, classifica-se como qualitativa. Segundo Denzin e Lincoln, nesse tipo de abordagem “os pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos do significado que as pessoas a eles conferem” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

A observação de aulas de música realizada nesta pesquisa buscou ir além de conhecer os materiais e conteúdos das aulas. O que faz uma aula ser especial? O que faz com que o aprendizado se efetive e os alunos se mostrem interessados e ativos? Além de conteúdos e materiais, as relações que se estabelecem entre professor e alunos, entre os alunos, e entre eles e as músicas podem ajudar a compreender o processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com Moreira e Caleffe (2006), nesse tipo de observação “o pesquisador está no local, testemunhando o comportamento real [...]” (p. 204). Isso possibilita a ele vivenciar situações como membro do grupo que ele observa.

Assim, como procedimento de coleta de dados foram feitas observações das aulas no campo. Optou-se pela observação participante por entendê-la como mais adequada para os objetivos estabelecidos inicialmente no projeto desta pesquisa, pois teria a oportunidade de experimentar junto com o professor e os alunos suas atividades, conversar com eles, vivenciar aquele tempo e espaço das realizações musicais.

Esse estudo foi realizado no Instituto Poltriz - Centro de Formação de Crianças e Adolescentes em Uberlândia. O Instituto tem duas sedes em Uberlândia, uma no bairro

Morumbi e outra no bairro São Jorge. O Instituto é reconhecido como uma ONG e é “um centro de convivência e fortalecimento de vínculos para crianças e adolescentes de 6 a 15 anos de idade” (<https://www.institutopolitriz.org/contato>). Ainda segundo o site do Instituto, suas ações estão “fundamentada[s] nos valores cristãos e na luta pelos direitos humanos e sociais, desenvolvendo ações que promovam a qualidade de vida das crianças, adolescentes e suas famílias”.

Criado pelos empreendedores sociais Sr. Lázaro dos Reis Magalhães e sua esposa Elza Gonçalves, em meados de 1998, motivados pela situação de vulnerabilidade que se encontravam as famílias da comunidade, o Instituto nasceu de um trabalho social de doações de cobertores, cestas básicas, brinquedos e alimentação como sopas e leite e depois com prestação de serviços. No início essas ações tiveram apoio de empresários do município.

No ano de 2007, inaugurou-se o Instituto Politriz, com uma filosofia de atendimento voltado para o desenvolvimento físico, social, cultural e intelectual de seus participantes.

De acordo com o site do Instituto, seus objetivos são:

Objetivo Geral

Contribuir para a superação da vulnerabilidade social das famílias atendidas, prezando pelo respeito à dignidade e aos direitos das crianças e adolescentes.

Objetivos Específicos

propiciar um atendimento com base na concepção da criança e do adolescente como sujeito de direitos e deveres; em uma proposta socioeducativa pautada nos quatro pilares da educação: aprender a conviver, a ser, a conhecer e a fazer. Além disso, desenvolve um conjunto de ações socioeducativas para colaborar na formação das crianças e adolescentes e realiza trabalhos em conjunto com outras instituições existentes e equipes sociais da região, nas áreas de educação, saúde e esportes priorizando os objetivos de um futuro melhor, evitando que as crianças e adolescentes se envolvam em atividades criminais e com o uso de drogas. (<https://www.institutopolitriz.org/contato>).

O Instituto Politriz, trabalha amparado nas diretrizes do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) no que se refere à proteção social básica, destinada à prevenção de riscos sociais e pessoais, por meio de oferta de programas, projetos, serviços e benefícios a indivíduos e famílias em situação de vulnerabilidade social. Oferecendo um espaço com oportunidades de diálogo e troca de experiência, individual e/ou em grupo, como forma de prevenção a todas as formas de violência e meio possível de capacitar para situações de vulnerabilidade (<https://www.institutopolitriz.org/programas>).

De acordo com o site, as atividades do Instituto são realizadas no período extraturno escolar, orientando os alunos com ações preventivas à criminalidade e suas várias formas de violência. Lá são oferecidas oficinas de Artes, Cultura e Educação como: dança, música,

capoeira, artes circenses, história em quadrinhos/desenho e línguas estrangeiras (Inglês e Espanhol). Os alunos descobrem habilidades e o próprio potencial; estimula-se a ação em equipe, a paciência, a socialização e a criatividade, além de uma interação com as culturas internacionais no aprendizado de línguas. (<https://institutopolitriz.org/programas>).

3.1 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi feita por meio de observações, registros escritos, em áudio e em imagens (fotografias) na unidade do bairro Morumbi do Instituto Politriz.

Para os registros escritos das observações no campo utilizou-se de um diário de pesquisa. De acordo com Moreira e Caleffe (2006) os registros no diário já são uma primeira fase da análise dos dados, pois nesse momento já existe uma seleção do que registrar. No caso desta pesquisa, essa seleção foi guiada pelos objetivos. Além dos dados observáveis, nesse diário também foram registrados comentários, interpretações do que estava sendo visto por mim.

O registro em áudio foi uma ferramenta muito importante, pois além de capturar os sons de trechos de ensaio e aulas, também pude registrar a fala do professor colaborador em uma mesa redonda que ele participou na Universidade Federal de Uberlândia. Os áudios musicais me permitiram transcrever depois, fora do campo de observações, trechos rítmicos, melódicos com mais exatidão, o que às vezes não era possível durante a observação participante.

O recurso das fotos foi mais usado para capturar objetos, instrumentos musicais, o espaço físico onde aconteciam as aulas e organização/posicionamento dos alunos nas aulas.

As observações iniciaram-se no dia 30 de agosto de 2018 e foram realizadas às quintas-feiras no período da manhã, das 09h30 às 11h30. As observações aconteceram até o fim do mês de novembro de 2018.

O Instituto desenvolve suas atividades por meio de Programas, quais sejam: 1) Oficinas de Artes, Cultura e Educação; 2) Formação de Valores Humanos e Cidadania; 3) Pedagogia das Emoções; 4) Atividades Lúdicas; 5) Integração Alimentar; 6) Encaminhamentos; e 7) Atendimentos.

As observações para essa pesquisa se deram pontualmente nas oficinas de música do Programa 1 - Oficinas de Artes, Cultura e Educação, especificamente em uma turma da oficina de percussão e uma do canto coletivo, ambas ministradas pelo professor Costa.

Durante o período final de escrita do diário, no mês de novembro de 2018, foi iniciada

a categorização dos dados coletados. Para a categorização tomou-se os objetivos do projeto como norteadores. Foi feita uma leitura de todo o diário e os itens pré selecionados foram buscados no texto e identificados por números. Para identificar cada um, uma cor diferente foi utilizada. Isso para que ao ler o diário de pesquisa ficasse mais fácil a visualização de cada objetivo específico, da seguinte maneira:

- 1 Princípios norteadores do projeto do professor de música
- 2 Práticas Pedagógico-Musicais / Procedimentos Metodológicos
- 3 Conteúdos, repertório e arranjos
- 4 Elementos Motivadores
- 5 Aspectos que favorecem a aprendizagem e o fazer musical
- 6 Materiais didáticos/ Recursos
- 7 Estrutura e espaço físico
- 8 Público / Faixa etária
- 9 Relações interpessoais (Professor X Aluno, Aluno X Professor, Aluno X Aluno e Aluno X Música)
- 10 Estrutura das aulas
- 11 Conhecimentos Musicais

Assim, a leitura do diário e seleção dos trechos de acordo com esses onze itens foi a parte mais desafiadora da análise e reflexão dos dados coletados e organizados. Muitas vezes alguns trechos se enquadravam em mais de um item. Portanto, foi necessário uma reflexão mais sistemática.

Refletir sobre cada um dos trechos do diário tentando encontrar o seu lugar na organização dos dados, além de desafiador foi também a parte mais gratificante da análise e escrita, pois a realidade observada foi sendo compreendida a partir também da literatura estudada. A partir de então foi iniciada também a redação do relatório final da pesquisa.

4 PRÁTICAS PEDAGÓGICO-MUSICAIS NO INSTITUTO POLITRIZ MORUMBI

No Instituto Politriz são desenvolvidas oficinas de arte, de capoeira, de dança, desenho e diversas oficinas de música. As oficinas de música são coordenadas pelo professor Costa juntamente com uma equipe de profissionais que colaboram no planejamento das atividades gerais e na manutenção dos instrumentos musicais. A outra parte da equipe é formada por monitores e professores específicos que ministram as aulas de cada instrumento.

As oficinas são voltadas para diferentes instrumentos e formações de grupos. São elas: oficina de violão, violino, violoncelo, flauta doce, trompete, trombone, clarinete, flauta transversal, sax alto, sax tenor e tem também uma banda e uma oficina de prática de conjunto.

Esse projeto, com todas essas oficinas, começou apenas com oficinas de percussão alternativa ministradas pelo professor Costa como podemos ver em sua fala na mesa redonda que participou na Universidade Federal de Uberlândia em 2019.

Esse projeto começou apenas com as oficinas de percussão alternativa. A gestora do projeto me convidou para ministrar essas aulas de percussão alternativa porque não tinha condição de comprar instrumentos convencionais. Eu topei e através de apresentações e projetos de lei de incentivo a gente foi escrevendo, o projeto foi ganhando reconhecimento e aos poucos a gente foi conseguindo fazer com que ele tomasse à proporção que tem hoje (Professor Costa, Mesa Redonda, UFU, 13/05/2019).

Além dos instrumentos são oferecidas também oficinas de canto coletivo. Estas, juntamente com as oficinas de percussão alternativa, são ministradas exclusivamente pelo professor Costa e foram o foco de minhas observações.

A diferença das aulas de música em espaços como ONGs e espaços de escolas oficiais de educação básica, segundo o professor Costa, é que

Nesses espaços, diferente das escolas regulares de música, digamos assim, o foco das aulas de música não é a formação de músico instrumentista, o foco é auxiliar na formação social da criança. Então, a aula de música é uma das ferramentas utilizadas nesses espaços para auxiliar nessa formação e nós professores de música, a gente chama de formação sociocultural (Professor Costa, Mesa Redonda, UFU, 13/05/2019).

Os projetos sociais oportunizam para as crianças uma socialização e expressão por meio das artes possibilitando assim nesses ambientes que as crianças tenham diversas experiências de aprendizagem. Quando essas crianças se sentem reconhecidas e capazes de realizar algo, como tocar, cantar ou fazer música em conjunto elas se sentem mais valorizadas. Então, aquilo que elas talvez nunca imaginaram poder pertencer a elas começa a se tornar realidade, ou seja, essas crianças se sentem motivadas porque são reconhecidas como um ser humano capaz e que tem direito de ter e desfrutar desses conhecimentos e aprendizagens.

O Instituto Politriz tem o ensino musical como um meio de transformação social e proporciona um ambiente de aprendizagens com tarefas e atividades que favorecem o fazer musical em si, provocando a motivação das crianças e adolescentes, a quererem aprender música.

Durante as observações das aulas de música no Instituto Politriz, nas conversas com alguns alunos e com o professor Costa pude perceber diferentes fatores motivacionais que certamente influenciavam diretamente na aprendizagem dos alunos. Esses fatores atuavam de formas isoladas ou em interações.

As ONGs em seus ambientes sociais e de socialização proporcionam interações que auxiliam no processo de aprendizagem musical pelos e entre os alunos. Além do espaço, as pessoas envolvidas nesses processos também podem ser molas propulsoras de motivação. De acordo com Bzuneck (2001).

Em qualquer situação, a motivação do aluno esbarra na motivação de seus professores. E, para começar, a percepção de que é possível motivar todos os alunos nasce de um senso de compromisso pessoal com a educação; mais ainda, de um entusiasmo e até de uma paixão pelo seu trabalho (BROPHY, 1987; FIRESTONE & PENNELL, 1993; REYNOLDS, 1992 apud BZUNECK, 2001, p. 2).

Por outro lado, a falta de motivação pode diminuir o interesse e dificultar a aprendizagem. Segundo Pinto (2013), “a falta de motivação pode levar à queda da quantidade no investimento pessoal na realização das tarefas de aprendizagem” (p. 13). Dessa forma a motivação faz parte do processo de ensino aprendizagem, sendo que os principais precursores desse contexto são os alunos e os professores. Pinto (2013) salienta que tanto o aluno quanto o professor “são responsáveis por este processo, mas cabe ao professor motivar os alunos a realizar as tarefas” (p. 14).

As aulas das oficinas de canto e percussão têm uma participação efetiva das crianças e jovens da Instituição demonstradas pela interação e entusiasmo de seus participantes, pelo orgulho que demonstram sentir por fazerem parte, como percebemos nas falas de uma de suas alunas a seguir

[...] Foi uma luta para mim conseguir entrar nesse coral, porque eu sentia muita vergonha, percussão então nem se fala. Eu amo a percussão dele [do professor]! Sou monitora dele, mas agora eu vou ter que deixar de ser, porque não vou poder estar em todos os ensaios (Kiara⁵, Diário de Pesquisa 06/09/2018).

⁵ Com a finalidade de preservar a identidade, o nome desta aluna do projeto, assim como todos os outros nomes de alunos que doravante são mencionados nesta pesquisa foram substituídos por codinomes.

[...] Você sabia que o Costa combinou comigo que mesmo eu saindo ele vai me chamar para algumas apresentações? Nossa, porque eu amo cantar! (Kiara, Diário de Pesquisa 06/09/2018).

Os projetos sociais têm diferentes modos de operar e mais liberdade para escolha de conteúdos e procedimentos metodológicos, diferentemente da escola de educação básica que deve obedecer a um currículo específico, predeterminado. No Instituto Politriz destaca-se no professor Costa o carinho que ele tem com os alunos, sua forma tranquila e atenciosa de tratar a todos. Além disso, ele tem outra característica muito importante, que pude constatar observando sua atuação. É um professor e um bom músico, um músico versátil, com capacidade de cantar e tocar diferentes instrumentos, de elaborar arranjos musicais, de acordo com a necessidade do seu grupo de alunos, adequando repertórios e também compondo, o que é muito importante neste trabalho.

Muitas vezes o insucesso do professor ou de quem dirige um grupo musical está na pouca competência musical. O professor desses espaços precisa ser criativo, precisa ter conhecimento de diferentes instrumentos musicais, ou seja, necessita ter um domínio de vários instrumentos, precisa ter liderança para trabalhar com o grupo e, principalmente, sentir prazer em trabalhar nesses espaços.

Segundo o professor Costa, em uma conversa que tivemos no Instituto, ele disse gostar de trabalhar preferencialmente em espaços de ONGs. Ele sabia que queria trabalhar nesses espaços, mas experimentou outros como, conservatório de música, escola de educação básica. Essas experiências reforçaram sua convicção de que queria dedicar-se aos projetos sociais e a seu público. Relatou ainda que quando ele estava em um dos estágios curriculares de sua graduação em Música, na Universidade Federal de Uberlândia, ele já viu que a área que ele queria seguir era a da educação musical, trabalhando com comunidades da periferia.

Entretanto, na época ele pensou que trabalharia em escolas, até que foi convidado por uma ONG no bairro Tibery, em Uberlândia – MG, para trabalhar num projeto daquela instituição, chamado “Nossas canções”. O projeto era voltado para crianças, mas com o tempo o professor foi desenvolvendo outros projetos que atendiam também os adolescentes daquela instituição.

Aquele trabalho foi muito significativo para o professor que teve a oportunidade, por meio de projetos de ensino de música, de construir com os alunos, instrumentos musicais, realizar a prática de canto coletivo, a aprendizagem de flauta-doce, violão e diversos instrumentos de percussão resultando num processo de socialização, construção de valores,

criatividade, enfim, formação social das crianças e adolescentes.

Outro fator que contribuiu para que o professor optasse por espaços de ensino fora das escolas da rede de educação básica foi o fato de poder trabalhar com mais liberdade de escolha de conteúdos, horários, repertórios, sem ficar preso a um currículo predeterminado. Seu trabalho é feito a partir dos alunos, de suas habilidades, de seus conhecimentos, características e interesses.

Outro relato interessante do professor Costa, proferido em uma mesa redonda com profissionais da Música na UFU, foi sobre o papel do professor nas ONGs:

[...] A diferença de um professor, digamos assim desses projetos, para um de uma escola regular é que ele tem a liberdade talvez de sair um pouco de um programa e também tem a obrigação de contribuir com bem mais do que aquilo que ele foi contratado. Nesse caso aí [apontando para uma imagem projetada de uma apresentação musical no Teatro Municipal de Uberlândia, em que mostra as crianças com figurinos] essas roupas que as meninas estão vestindo, de jornal, a gente contratou um figurinista para fazer e o cara pegou o projeto e não fez. Aí sobrou pra mim, porque eu já tinha dado a ideia para as crianças, já tinha mostrado o que elas iriam vestir, e aí eu fui até o fim para fazer esse figurino, acho que não ficou igual a gente tinha programado não, mas a gente fez (Professor COSTA, Mesa Redonda, UFU, 13/05/2019).

Neste relato podemos perceber um pouco do olhar deste professor para seus alunos e o diferencial dele como professor, em acreditar em uma educação musical que vai muito além das suas oficinas oferecidas no Instituto. Entendo que é isso que o professor quis dizer com “obrigação de contribuir com bem mais do que aquilo que foi contratado”. O trabalho que ele realiza não se resume em dar as aulas de música, mas proporcionar experiências significativas, criativas das quais todos possam se apropriar, se sentir capaz e viver experiências estéticas mais amplas.

Portanto, nesses espaços, diferente das escolas específicas de ensino de música, o objetivo das aulas não é formar o músico instrumentista, *virtuose*, mas buscar o fazer musical como meio auxiliar na formação social dos alunos. A arte e a música são indispensáveis para a formação social do indivíduo como um todo, como evidencia-se nos relatos citados acima.

5 ORGANIZAÇÃO DAS AULAS

As aulas de música no Instituto, no período observado, eram realizadas por meio de oficinas e ministradas por diferentes professores. As oficinas, objeto de observação desta

pesquisa foram uma de canto coletivo e uma de percussão alternativa. As aulas eram realizadas com crianças e adolescentes às quintas-feiras, no período de 9h30 às 12h. Geralmente começava com a oficina de canto e na sequência era a oficina de percussão, sem pausa entre elas.

O canto coletivo era realizado em uma sala pequena com cadeiras, um quadro branco e uma mesa para o professor. Quanto às aulas de percussão, estas eram feitas no galpão com cobertura, aberto para o pátio e com direito a público durante as aulas, que eram as crianças mais novas do Instituto.

O professor Costa organizava os conteúdos de cada semana de acordo com a agenda de apresentações que estava programada para os próximos dias. Ele fazia a escolha das músicas do repertório e apresentava para seus alunos para saber suas opiniões, e organizava a ordem junto com eles, no momento da aula. Neste momento podia constatar-se que o professor prezava pela participação de seus alunos na construção e escolha do repertório, não se encarregando sozinho de determinar, mas estimulando a participação coletiva, pois todos tinham a oportunidade de se expressar.

5.1 OFICINA DE PERCUSSÃO ALTERNATIVA

Essa oficina é designada pelo professor como alternativa por ser composta de instrumentos feitos de materiais reutilizáveis (Figura 1 e Figura 2). Esse processo de construção dos instrumentos da oficina de percussão alternativa teve início quando o professor entrou na ONG. Com isso, os instrumentos que se tem lá hoje foram construídos sob a orientação do professor por crianças e jovens que não estão mais no projeto, mas esses instrumentos vêm sendo passados de uma turma de alunos para outras turmas durante esses anos. Os alunos aprendem a ter cuidado e zelo com esses instrumentos. No começo da oficina o professor construiu com os alunos instrumentos de garrafa pet, de cabos de vassoura, de galões plásticos, de cerâmica (ceramofones). Esses últimos, durante o período das observações, eram mais utilizados nas oficinas de canto coletivo por serem instrumentos de alturas definidas, o que ajudava na aprendizagem das melodias.]

Figura 1: Clavas de madeira



Fonte: Fotografia Marina Sodré.

Figura 2: Chocalho de garrafa pet



Fonte: Fotografia Marina Sodré.

As aulas de percussão eram realizadas em um espaço aberto do Instituto. Para começar cada aula o professor dizia às crianças e jovens para irem se organizando para pegar os tambores. Enquanto os alunos que participavam dessa oficina estavam se organizando em filas para pegarem os instrumentos, as crianças menores saíam da sala onde estavam realizando outras atividades e iam sendo organizadas por alguns monitores em duas fileiras e ficavam como uma plateia.

A organização dos alunos que participam da oficina, como podemos ver abaixo (Figura 3), é em formato de U, tendo todos a visão do professor Costa. Levavam alguns minutos para se organizarem. Após estarem posicionados, o professor se colocava ao centro onde todos tinham uma boa visão dele e ele de todos.

Figura 3: Alunos na formação em U com os tambores de plástico



Fonte: Fotografia Marina Sodré.

As crianças, tanto as que estavam sentadas assistindo quanto as que estavam na oficina de percussão, ficavam vidradas no professor e todas em silêncio e atentas esperando seu sinal. Às vezes nas minhas observações, eu ficava meio sem entender por que até então o professor não dizia uma só palavra. Mas bastava o professor fazer um gesto de coçar a barba, por exemplo, e todas as crianças no susto faziam um movimento de iniciar a tocar os tambores, e quando ele abaixava a mão elas diziam: “_Ahhhhhh [risos]”. Tinha sido alarme falso, ainda não era o sinal para começar a tocar. Aí entendi que elas estavam atentas ao gesto combinado entre eles e que o professor sempre testava a atenção delas, a prontidão de resposta, sem a necessidade de ficar pedindo e chamando a atenção como geralmente acontece num grupo de crianças e adolescentes.

O professor então sempre realizava o gesto de levantar as mãos e abaixar, tudo muito rápido, assim as crianças já começavam a fazer um movimento como de se curvar com o pé direito para trás e rapidamente dar dois toques nos tambores com as baquetas, atentas ao breque que o professor fazia. Iniciavam-se então vários movimentos sincronizados e rítmicos

diferentes a serem tocados e todos respeitando a regência do professor, que não dizia nada, apenas fazia movimentos com as mãos e braços, e principalmente com o “*olhar*”.

Durante a aula ele dava atenção para aquele aluno que apresentava dificuldade e tocava para ele e já passava para outro grupo que fazia a mesma célula rítmica mostrando o que estava errado e assim seguia sempre, apenas uma vez. Assim eram os ensaios dessa oficina.

Quando terminava a oficina, o professor sempre conversava com as crianças sobre o que tinham acabado de fazer, refletindo sobre o que tinha funcionado e o que não tinha funcionado. E, no final, os alunos saíam organizadamente e guardavam os tambores novamente na sala dos instrumentos de percussão.

Figura 4: Organizando para guardar os instrumentos



Fonte: Fotografia Marina Sodré

As crianças e jovens que participavam da oficina de percussão demonstravam gostar muito. Em uma das minhas observações tive a oportunidade de conversar com uma jovem que participava da oficina de percussão e participava também da oficina de canto que era

ministrada pelo mesmo professor e ela relatou o seguinte.

Marina: Como é o Costa professor, na percussão?

Kiara: Nossa eu amo!!! Ele é muito de boa, brinca com a gente, o grupo se diverte com ele, mas quando ele é sério, ele é sério. Sabia que na percussão a gente já tem uma música pronta, que tocamos na mostra⁶ passada, quase todo ano a gente tem mostra, esse não vai ter por que já apresentamos tudo.

Marina: Vocês que criam a música?

Kiara: Não. O professor Costa que cria e passa para nós, ele ensina passo a passo. Agora estamos tocando *Believer*, *Imagine Dragons*. A gente toca a batida dessa música, o professor coloca o som da música para a gente ir acompanhando. Mas a *Believer* - *Imagine Dragons* foi assim ele só apresentou a música pediu para a gente ir ouvindo e ir tentando tirar o som. Como eu era monitora eu sempre ficava perto do som. Um dia eu estava lá marcando o pulso ao lado e aí o professor lá na frente disse para todos me seguir, eu fiquei uuuuuuu feliz! A gente que segue ele, depois é natural vamos pelo som, pelo ouvido. É muito boa a aula dele, gosto muito! (Diário de campo, 06/09/2018).

As aulas da oficina de percussão eram muito envolventes e todas as crianças e jovens queriam poder participar e os que já participavam não queriam sair, pois era muito mais do que apenas uma oficina de percussão, eles eram reconhecidos e prestigiados dentro do Instituto entre os colegas e fora, abrilhantando as apresentações nos palcos.

5.2 OFICINA DE CANTO COLETIVO

A oficina de canto coletivo no Instituto Politriz, polo Morumbi, é ofertada pois a maioria das crianças do projeto já chega com o interesse de cantar. Além disso, as crianças sentem prazer e liberdade em cantar, pois o canto é feito com um instrumento natural do indivíduo, a voz. O professor desenvolve com os alunos um repertório variado de músicas, buscando trabalhar com as crianças aspectos técnicos do canto, como por exemplo, a afinação. As oficinas de canto sempre aconteciam primeiro, era a primeira aula que as crianças tinham.

O espaço físico da Instituição se parece com um galpão e ao redor tem algumas salas, onde são realizadas as aulas de música e demais atividades do Instituto. O professor realizava as oficinas de canto, no período em que observei, em uma dessas salas com um pequeno grupo de alunos, ao todo 7 (sete), de faixas etárias diferentes, mas às vezes oscilava a quantidade. O professor ministrava as aulas com um violão ao seu lado e tinha um aluno com a flauta transversal (Figura 5), dois alunos com ceramofones (Figura 6) e os outros quatro alunos estavam cantando apesar de que, os outros que estavam tocando, cantavam também. O professor ensaiava as músicas que eles iriam apresentar e incluía alguma música do repertório

⁶ “Mostra” é o nome dado à apresentação anual das atividades artísticas da instituição feita para a comunidade externa da ONG do Instituto Politriz.

novo para apresentações futuras (Figura 7).

Figura 5: Flauta Transversal



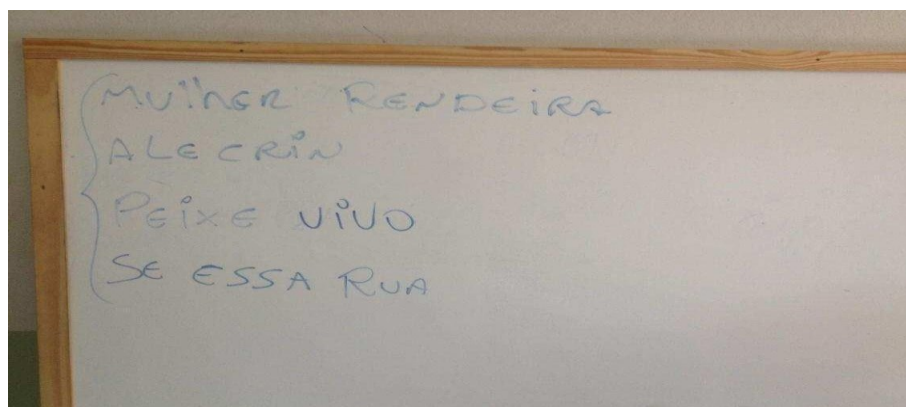
Fonte: Fotografia Marina Sodré

Figura 6: Ceramofone utilizado nas aulas do canto coletivo



Fonte: Canal do YouTube - Zezinho Costa.

Figura 7: Repertório das canções do canto coletivo escrito no quadro pelo professor



Fonte: Fotografia Marina Sodré.

O professor Costa mantinha em todo o ensaio uma seriedade, mas ao mesmo tempo uma simpatia com seus alunos. Um dos alunos que tocava o ceramofone estava inseguro ao tocar as notas, então o professor esperava a música terminar para conversar com esse aluno e dizia que “era para ele ficar tranquilo e se for para errar que errasse com convicção, não era para sentir medo tocando e sim prazer”. A sonoridade era muito importante e sempre era destacada pelo professor durante suas aulas.

5.3 REPERTÓRIO E CONTEÚDOS MUSICAIS

No período das minhas observações no Instituto, o repertório trabalhado com as crianças foi de canções folclóricas e composições instrumentais, na maioria das vezes criadas pelo professor utilizando os instrumentos de percussão, também construídos por ele juntamente com alunos do Instituto. Nas canções folclóricas o professor criava introduções com instrumentos como flauta transversal, ceramofone e violão. Além disso, fazia arranjos simples com jogo de perguntas e respostas, com cânones, e as vezes com uma segunda voz.

Os conteúdos musicais do repertório eram trabalhados de acordo com as apresentações que surgiam no decorrer do ano. Mas o objetivo era trabalhar também com o que as crianças traziam de conhecimento para a aula, como o professor disse:

Quando a gente chega nesses projetos de música a primeira coisa que eu costumo fazer é já sondar para ver as habilidades que as crianças já têm, porque a gente não pode considerar o aluno como uma tábua rasa contando que ele está chegando lá sem conhecimento nenhum. Todo mundo tem seu conhecimento. Então uma das coisas que eu faço é aproveitar o que as crianças gostam de fazer e esses garotos gostam muito de cantar e de dançar (o professor mostra uma imagem do projeto Tum tum pá)⁷ (Professor Costa,

⁷ O Projeto Tum Tum é um projeto que busca trabalhar a musicalização através da percussão corporal.

Mesa Redonda, UFU, 13/05/2019).

As músicas do repertório trabalhadas nas oficinas de canto durante as observações foram: *Trenzinho caipira* – Heitor Villa-Lobos, *Trevo* – Ana Vitória, *Luar do Sertão* – Luiz Gonzaga, *Canção do Céu* – Anderson Freire, *Aleluia* – Jotta A, *Arco Íris* - Xuxa, *Se essa rua fosse minha* - Canção de domínio público e um arranjo da música *Mulher Rendeira* - Canção de domínio público. Além de algumas canções natalinas que eles cantaram em uma apresentação no projeto “Janelas encantadas” da Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia, que é realizado sempre no mês de dezembro.

Para a música *Mulher Rendeira*, trabalhada na oficina de canto, o professor criou uma segunda voz em algumas partes. Durante duas aulas ele dividiu a turma em dois grupos e ensinou cada parte. Porém, nas aulas seguintes, o professor focou mais na afinação, nos finais de frase, no ritmo e nas diferenças de andamento do que na divisão de vozes.

O professor fazia uso de metáforas para poder explicar que a música tem pergunta e resposta, a primeira parte não é como a segunda. A metáfora que ele usou foi perguntando a um dos alunos “Quantos anos você tem?” aí a criança respondeu “Eu tenho 13.” Explicou que não respondemos as pessoas no mesmo tom.

1º Parte: Tu me ensina a fazer renda que eu te ensino a namorar? (para cima) Pergunta

2º Parte: Tu me ensina a fazer renda que eu te ensino a namorar. (para baixo) Resposta

O professor fez essa parte da música três vezes, repetindo. Depois pegou a primeira parte da música.

1º parte: Olê mulher rendeira (pergunta)

Olê mulher rendá... (resposta)

Para as crianças terem uma ideia da estrutura do arranjo dessa música ele mostrou um vídeo das crianças da outra unidade cantando. Depois escreveu no quadro (Figura 5) a sequência das músicas: *Mulher rendeira*, *Alecrim*, *Peixe vivo* e *Se essa rua fosse minha*. As crianças não estavam entendendo, então o professor explicava para elas que se tratava de um pot-pourri.⁸ Após terminar o momento de escuta e explicação sobre a música, o professor pediu postura e disse que as crianças do canto do turno da manhã cantariam a primeira voz e os da tarde a segunda voz.

As crianças estavam gostando de cantar, elas estavam bastante animadas, tudo fluía

⁸ Pot-pourri: Sequência de vários temas reunidos numa única peça. Pode ser basicamente musical, com reunião de músicas diversas, ou em texto, com reunião de diversos temas encadeados. Aqui, no caso, se refere a reunião de algumas músicas em uma só.

muito bem. O professor Costa informou que tudo que eles estavam fazendo iria para um estúdio. O professor estava fazendo as prévias para o grupo poder ir gravar, então ele disse para as crianças que eles podiam se sentir à vontade para performar e que ele iria trabalhar futuramente algumas coisas de performance para eles fazerem no dia da apresentação no Projeto “Janelas encantadas”. O professor usava sempre esse termo performar para nominar as ações de tocar, de interpretar, de se movimentar durante a execução musical.

Nas oficinas de percussão o professor sempre trabalhava ritmos que ele criava e alguns ritmos de músicas que as crianças pediam. Tive a oportunidade de acompanhar os ensaios em que o professor trabalhou os ritmos percussivos juntamente com a performance corporal, da música *Believer - Imagine Dragons*.

5.4 MATERIAIS DIDÁTICOS

Eram utilizados os instrumentos que o Instituto oferecia para as crianças (instrumentos convencionais) e os da oficina de percussão que foram criados pelo professor e confeccionados pelos próprios alunos da Ong. (instrumentos de materiais recicláveis) como me relatou uma das jovens que estuda na Ong.

Marina: Onde vocês conseguem os instrumentos musicais?

Kiara: Os instrumentos são do Instituto e ficam na responsabilidade dos alunos que fazem a aula do instrumento, tipo eu faço Trompete então a Dóris compra o instrumento e deixa você responsável por ele. Tem nome para ninguém pegar, antes tem um termo que assina dizendo que pode levar para a casa mais não pode estragar e não cuidar.

Marina: Hum entendo. E o Dedé ele não vem hoje e você foi liberada para pegar o instrumento dele?

Kiara: Foi sim, eu conversei com o Mono ele liberou só para a aula agora.

Assim, observa-se que a construção de instrumentos musicais proporciona aos alunos do projeto cuidados em relação ao manuseio dos instrumentos, este cuidado e zelo é passado por todos que entram no projeto, dos mais velhos para os mais novos. Essa relação de confiança e comprometimento é construída com todos ali presentes.

E os instrumentos convencionais como, trompete, flautas, sax, teclados, dentre outros, recebem o mesmo cuidado e atenção dos participantes do projeto, que aprendem a cuidar e a manter a boa conservação destes instrumentos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No começo da investigação me perguntei, que práticas pedagógicas conseguem ir ao encontro dos interesses de crianças e jovens motivando-os a aprender música? Que princípios norteiam o trabalho de um professor que leva, por meio da educação musical, uma oportunidade de valorização de todos e de cada um, de respeito e estímulo à expressão e construção de conhecimentos musicais?

Entendi, com os meses de observação naquele espaço da ONG, nas conversas com alguns participantes e falas do professor em diferentes situações que, a forma como o professor vê seus alunos, a crença na capacidade e no direito de todos aprenderem e a todos ser dada a oportunidade de vivenciar essas experiências musicais é o princípio norteador do trabalho do professor Costa.

Uma das características do projeto no Instituto Politriz é que a aprendizagem musical é uma constante. As experiências e conhecimentos vão sendo compartilhados entre as turmas, passando de uma para outra. As crianças que vão entrando vão aprendendo com as que já estão. Essa relação é circular, de ajudas mútuas em prol do coletivo.

Os conteúdos são escolhidos a partir dos repertórios montados especificamente para aquelas turmas, contemplando os interesses dos alunos, e são discutidos com eles. Da mesma forma, os arranjos são feitos pra favorecer a participação de todos. Todos devem ter a oportunidade de fazer parte, tanto das aulas como das apresentações, podendo sentir que sua participação no grupo é necessária e importante. Cada membro do grupo é fundamental para o resultado final do coletivo.

Aspectos motivacionais intrínsecos e extrínsecos foram observados nos participantes. Um exemplo de motivação intrínseca pode ser inferida a partir da observação de que o fazer musical em si provocava nas crianças o desejo de querer aprender música, porque o professor Costa os envolvia nas oficinas dando a eles autonomia para vivenciar a música e conseqüentemente gostar dela. O equilíbrio entre a dificuldade do que era proposto com a possibilidade de realização conduziam ao reforço motivacional intrínseco para a aprendizagem.

Os resultados positivos dos trabalhos apresentados ao público, seja na própria instituição ou nos teatros da cidade, por exemplo, podem ser vistos como um fator motivacional extrínseco, poderoso para a aprendizagem, pois é o momento em que cada participante é reconhecido na comunidade e pode mostrar, com satisfação, do que é capaz.

Outro aspecto de grande relevância é a autoconfiança que é desenvolvida nos alunos do projeto durante as aulas nas oficinas e nas apresentações. A autoconfiança, a autonomia e a valorização de si, especialmente durante os anos da infância e adolescência, tão delicados emocionalmente, psicologicamente, são fundamentais.

Observei também que o acolhimento e o respeito vinham sempre junto com a firmeza do professor que conseguia a disciplina necessária para esses fazeres coletivos e para atingir os objetivos propostos, sem precisar, em nenhum momento, levantar a voz ou usar de autoritarismo para com o coletivo de alunos. Sabemos que o fazer musical exige disciplina, paciência e persistência. Exige repetições incansáveis, atenção e prontidão de resposta. Essas são atitudes que não se desenvolvem num grupo disperso, em que não há consciência da seriedade dos momentos de trabalho, porém com muito prazer e ludicidade.

Acredito que a postura como professor do professor C osta, no que ele acredita e defende, seja a tônica do bom resultado de seu trabalho. Além de desenvolver um trabalho humanizador e acolhedor, ele estimula a curiosidade e o interesse dos alunos e constrói com eles possibilidades de um fazer que pode ser no futuro uma profissão.

As relações de ensino-aprendizagem construídas pelo professor, bem como o interesse e motivação dos alunos me ensinaram muito sobre ensinar e aprender música em espaços não escolares, mas que certamente podem ser reproduzidos em qualquer outro espaço de ensino-aprendizagem, inclusive da rede oficial de ensino.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Lucielle Farias. **Juventude, música e vida**. Curitiba: Prismas, 2015
- ARAÚJO, Rosane Cardoso de; CAVALCANTI, Célia Regina Pires; FIGUEIREDO, Edson. Motivação para prática musical no ensino superior: três possibilidades de abordagens discursivas. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 24, 34-44, set. 2010.
- ARROYO, Margarete (org.). **Jovens e músicas: um guia bibliográfico**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- CALLEGARI, Paula Andrade. **A relação indivíduo-música na perspectiva dos significados musicais de Lucy Green: um estudo de caso em um projeto social**. 2008. 138f. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Música da Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- COSTA, Zezinho. **Diálogos com profissionais da música**. In: Palestra, 2019, Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia.
- CRUVINEL, Flavia Maria. **Educação musical e transformação social: uma experiência coletiva de cordas**. Goiânia: Instituto Centro Brasileiro de Cultura, 2005.
- DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna (Ed.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Tradução de: Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006. p. 15-26.
- FAGUNDES, Flávia Maiara Lima. A aprendizagem musical e a formação em música: refletindo sobre as contribuições da motivação. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 3., COLÓQUIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA DA UNIRIO, 20. Rio de Janeiro, novembro, 2014, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro, 2014, p.276-286.
- GROSSI, Cristina; BARBOSA, Paula I. R. Educação musical nas ONGs do Distrito Federal: campo de trabalho e perfil profissional. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 13, outubro, 2004, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro. 2004.1 CD-Rom.
- KLEBER, Magaly. Educação musical: novas ou outras abordagens – novos ou outros protagonistas. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 14, p. 91-98, mar. 2006.
- MORAIS, Afonso Quianzala Maló. **O projeto social orquestra jovem de Uberlândia: sua estrutura e funcionamento**. (Monografia). Curso de Música – Licenciatura. Universidade Federal de Uberlândia, 2008.
- MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- NEVES 2007, XIII ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 2016, Rio Grande do Sul. **A História Oral como método para se pensar uma sociabilidade pedagógico-musical em Uberlândia-MG nas décadas de 1940 a 1960**. Rio Grande do Sul: Associação Brasileira de História Oral, 2016. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnibpcapjpeglefindmkaj/https://www.encontro2016.historiaoral.or>

g.br/resources/anais/13/1462137970_ARQUIVO_AHistoriaOracomometodoparasepensarumasociabilidadepedagogico_versaoFINAL.pdf. Acesso em: 19 out. 2020.

PINTO, Inês Alexandra Almeida. **Relatório de prática pedagógica de ensino de educação musical no ensino básico**. 2013. 236 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Música, Departamento de Artes e Tecnologias, Instituto Politécnico de Coimbra, Coimbra, 2013.

SANTOS, Regina Márcia Simão. Aprendizagem musical não-formal em grupos culturais diversos. **Cadernos de Estudo Educação Musical**. São Paulo: Atravez, fev- ago, n. 2/3, p.1-14. 1991.

SIQUEIRA, Luciana Gurgel Guida e WECHSLER, Solange M.. **Motivação para a aprendizagem escolar: possibilidade de medida**. Aval. psicol. [online]. 2006, vol.5, n.1, pp. 21-31. ISSN 1677-0471.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 10, p. 7-11, mar. 2004.

URNAU, Lílian Caroline. **Juventude e arte: os sentidos da mediação artística para jovens participantes de projetos sociais**. 2008. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

Sites consultados

<https://www.institutopolitriz.org/> Acesso em 29/11/2019.

<https://observatorio3setor.org.br/legislacao/> Acesso em 29/11/20.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado professor xxxxxxxxxxxx, você está sendo convidado a participar voluntariamente da pesquisa de TCC: **FAZERES MUSICAIS EM UMA ONG: A MOTIVAÇÃO OBSERVADA NAS RELAÇÕES DE ENSINAR E APRENDER ENTRE PROFESSOR E ALUNOS.**

Compreender a prática pedagógica e os princípios como educador musical de um professor que trabalha com crianças e jovens no ensino de música em projetos sociais, cujo envolvimento dos alunos e resultados musicais significativos atestam o bom resultado do seu trabalho, pode contribuir bastante com professores de música iniciantes ou mesmo experientes que se interessam pelo ensino coletivo de música. A observação do trabalho de um professor experiente nos ajuda a refletir criticamente sobre nossa própria prática e estimula a busca por propostas efetivas de ensino-aprendizagem que consigam construir esse diálogo na relação entre professores e alunos e efetivar a realização musical.

Esta pesquisa tem como objetivos 1) identificar as práticas pedagógicas do professor; 2) conhecer os conteúdos musicais, arranjos e materiais empregados no seu trabalho educativo musical; 3) compreender a estrutura do projeto de ensino de música no Instituto Politriz; 4) conhecer o que motiva a participação dos alunos no projeto e o que favorece a aprendizagem musical deles.

Para tanto a pesquisadora deverá observar semanalmente as aulas do professor no Instituto Politriz - Morumbi, especificamente as aulas de canto e de percussão no período de 30 de agosto de 2018 a 29 de novembro de 2018.

Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou prejuízo.

A pesquisadora se compromete a tratar a sua identidade bem como dos seus alunos observados no Projeto com padrões profissionais de sigilo. Seus nomes serão trocados por codinomes. Vocês não serão identificados em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada e outra será fornecida a você. A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira.

Eu, xxxxxxxxxxxx fui devidamente informado dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações bem como pedir para não participar da pesquisa.

Em caso de dúvidas poderei entrar em contato com:

Pesquisadora - discente: Marina Sodré de Matos Neta – e-mail: ninaneta@outlook.com

Professora orientadora: Maria Cristina Souza Costa - tel. (34) – 3239- 4214 - Coordenação do Curso de Música – (Universidade Federal de Uberlândia))

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura do prof. convidado
Uberlândia, 14 agosto de 2018